HENRIQUE FLEMING

Sakharov num livro espantoso

Sou um físico. O nome de Sakharov surgiu em minha vida há muito tempo, citado em um grande tratado sobre a teoria da relatividade de autoria de John Archibald Wheeler. Depois da citação científica, vinha o comentário: Este Sakharov é "o" Sakharov!

Estudei trabalhos seus, li sobre sua vida em biografias mais ou menos oportunistas, e mais de uma vez, em uma conferência internacional de física, pensei ter chegado a hora de conhecê-lo, só para ouvir a notícia de que seu visto havia sido negado. Este homem foi um dos grandes cientistas da União Soviética, e portanto um dos grandes cientistas do mundo, em nossa época. E, contudo, seu nome está de tal forma enredado à tragédia crucial deste século, que o conhecimento que se pode ter de sua história é limitado.

O que chamo de tragédia crucial deste século é a obtenção, pela primeira vez, de meios para a extinção garantida da vida humana no planeta, talvez de todo tipo de vida. Sakharov participou dessa realização como protagonista, assim como Fermi, Teller e Ulam nos Estados Unidos. Foi sua a idéia que tornou factível a bomba de hidrogênio soviética, ocasionando uma total mudança de planos na colossal empreitada, que na União Soviética representava um esforço muito maior do que o projeto análogo americano, este já de porte considerável no colossal parque tecnológico-industrial dos Estados Unidos. Curiosamente, o mes-

HENRIQUE FLEMING
é professor titular do
Instituto de Física da
USP.

Memórias, de A.D. Sakharov,
Rio de Janeiro, Editora Nova
Fronteira

mo ocorreu no projeto americano, onde uma idéia de Ulam, matemático de fama, alterou toda a programação em Los Alamos. Quando isso ocorreu Sakharov era um físico em início de carreira, quase desconhecido. O primeiro grande acontecimento de sua vida foi sem dúvida este, e, para quem vive no meio da pesquisa científica, é difícil imaginar que qualquer outro possa tê-lo superado.

Sua vida foi totalmente transformada pelo acontecimento. Guindado à Academia muito jovem, e sem passar pela costumeira etapa intermediária de membro associado, viu-se no topo de uma hierarquia que tinha apenas iniciado a escalar, em pé de igualdade, ao menos no planeta Rússia, e usando como parâmetro a classificação na Academia, a homens como Lev Landau, Piotr Kapitsa, Vladimir Fock, N. N. Bogoliubov, A. Kolmogorov e acima de I. Gelfand, figuras lendárias do panorama científico de nossos tempos. Entre os físicos se destacava ainda pelo fato de que os maiores dentre eles, Landau e Fock (por terem sido presos, acusados de espionagem judaica a favor da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial), eram malvistas pelo governo, o que se estendia, até certa medida, a Kapitsa, que fora amigo de Stálin mas que desgastara essa amizade nos esforços, bem-sucedidos, para tirar da cadeia, e salvar a vida dos dois grandes cientistas (Landau e Fock). Kapitsa foi um herói. Repetiu, já bem velhinho, essa empresa, tentando conseguir de Andropov, então diretor da KGB, e de Brejnev que Sakharov fosse liberado de seu confinamento na União Soviética. Mas, para quem tinha enfrentado Stálin e Béria, Andropov e Brejnev eram escoteiros.

Imagine-se o leitor como autor do tremendo e terrível feito de Sakharov. Homens conhecidos pela sua grande sabedoria, como Fermi, e pela sua grande cultura, como Oppenheimer, saíram do episódio (da construção da bomba atômica) profundamente abalados, "*shattered*", disse Oppenheimer. E na União Soviética um jovem praticamente inicia sua carreira com este formidável laurel!

Está apresentado o protagonista, vamos ao livro. Trata-se de um livro espantoso. Tive de refazer inteiramente minhas idéias sobre a Rússia soviética, elaboradas ao longo dos anos pela literatura convencional. A cada capítulo me vi forçado a reconsiderar alguma coisa, mesmo tomando o cuidado de me basear em fatos, e não em opiniões.

(Porque Sakharov era, ao escrever o livro, um homem profundamente - e justamente - ressentido. Mesmo quem não tivesse conhecimento prévio de sua vida haveria de sentir isso, por exemplo, na maneira como ele trata alguns de seus amigos.) Cito algumas de minhas surpresas. A educação infantil. A propaganda fazia crer que o governo, no afã de produzir bons cidadãos comunistas, "arrancava os filhos dos pais", para a escola do estado. Mentira. Os pais de Sakharov resolveram que seus filhos, em companhia de várias outras crianças da vizinhança, estudariam em casa, e até organizaram uma cooperativa, envolvendo várias casas, professores e bibliotecas, uma organização bem visível portanto, para tornar efetivo o projeto, porque não tinham confiança na escola pública, aliás injustamente, como comenta o autor.

A paz nas ruas. Sakharov menciona a praga das *gangs* de jovens delinquentes, que chegavam a cometer assassinatos. Narra um caso em que julga ter tido participação involuntária, revelando a um delinquente um endereço procurado:

"Algumas semanas depois (creio), fiquei sabendo que ali perto, no átrio da Igreja de São Gueorgui, fora encontrado de manhã cedo o corpo de Michka com os olhos perfurados e a língua cortada. Era a punição por algum tipo de violação da honra da 'marginalia'".

Sua estatura como cientista. Tinha-se a idéia de que Sakharov fosse uma versão russa de Ulam, que já citei acima, e que era matemático de formação, e que, repensando de maneira totalmente nova o problema da construção da bomba, auxiliado, na inovação, pela sua formação atípica (o problema era, afinal, de engenharia), acabou por tornar factível a construção da arma. Longe disso. Sakharov não só teve, não uma, mas três idéias cruciais, que não ficamos sabendo quais tenham sido, já que o autor só se refere a elas como "a primeira idéia", "a segunda", etc., como participou, ou melhor, dominou a implementação prática, concreta, dessas idéias, projetando, construindo, fiscalizando, supervisionando máquinas e até mesmo instalações, e, em larga medida, determinando a estratégia a seguir. Não foi Fermi ou Oppenheimer, mas Fermi e Oppenheimer. Com isso passo a ver em Sakharov uma das mais prodigiosas manifestações de potência intelectual da história

A DIREITA,
SAKHAROV, MOSCOU,
SETEMBRO, 1979

Jeri Laber

la humanidade, pela dificuldade da empresa que realizou, embora precise suspender o julgamento ético por um momento, enquanto digo isso. A natureza se cobre de mantel, para evitar a explosão que ele queria obter: senão, nestes milhões de anos em que a Terra é o que é, deveríamos ter tido números desses cataclismas. Ou seja, embora já a descoberta da idéia da utilização da fusão nuclear em larga escala exigisse talentos científicos excepcionais (Rutherford, que não costumava se enganar, errou a previsão), a realização prática, que exige superar os ardis defensivos da natureza pelo uso de artifícios ainda mais engenhosos, é empresa de ordem de dificuldade muito maior. Aqui se requer um físico que seja simultaneamente um teórico e um experimental de primeira ordem, que seja um excepcional engenheiro, um planejador de gênio, e um grande condutor de homens.

A audácia de certas revelações, como a da morte do marechal Nediélin, o principal responsável pelos testes dos foguetes balísticos internacionais. Reproduzo sem comentários:

“Durante a verificação do dispositivo automático do foguete, apareceram sinais no painel de direção, que era uma prova de um possível defeito do esquema. Os chefes do pessoal envolvido com a preparação do dispositivo automático informaram a Nediélin que, na situação criada, todos os trabalhos deviam ser suspensos até a descoberta e conserto do defeito. Nediélin disse: ‘Não podemos descumprir os prazos do governo’. E ordenou o prosseguimento dos trabalhos de preparação do foguete para lançamento. Por ordem do marechal, a sua mesa e escrivaninha foram colocadas na plataforma de lançamento, imediatamente próximas aos tubos de descarga. Os grupos de ajustadores iniciaram os trabalhos nos diversos andares do foguete, colocado em posição vertical. De repente, todos os principais motores começaram a funcionar, jatos de gás incandescente brotaram dos tubos e atingiram toda a plataforma de lançamento, precipitando-se para o alto e envolvendo em chamas os andaimes em que as pessoas se encontravam. Nediélin morreu provavelmente nos primeiros segundos. Entraram ao mesmo tempo em funcionamento as

filmadoras automáticas, que registraram aquela tragédia horrível. Os homens nos andaimes se agitavam no meio do fogo e da fumaça, muitos pularam para o chão e desapareceram nas chamas. Alguém conseguiu correr do fogo até o arame farpado que cercava a rampa de lançamento e ficou suspenso nele. Nos instantes seguintes, foi totalmente tragado pelas chamas. Morreram ao todo cerca de cento e noventa homens”.

O tom é este. Pelo menos um espanto a cada capítulo.

O que fez Sakharov, herói da União Soviética, tornar-se um dissidente? Motivos não faltariam, porque a narrativa, desde a infância até e durante seus tempos de máxima glória, está sempre envolta em uma atmosfera de morte. Mas foi quando a política stalinista mostrou as garras em seu reduto mais caro, a ciência, simbolizada pela Academia, que ele se rebelou. Já narrei este fato anteriormente, e basta aqui lembrar que Lisenko, o grande vilão oportunista que arruinou a agricultura soviética com uma falsa genética ideologicamente orientada, tentou colocar um preposto seu como presidente da Academia de Ciências. Sakharov iniciou e liderou uma oposição que conseguiu derrotá-lo. Aí começou a sua desgraça, e a marcha rumo à liderança da dissidência. A segunda metade do livro é dedicada a esta sua segunda vida, com profusão de detalhes e de documentação. Trata-se, como disse, de um imenso livro, de suas mil páginas. A tradução brasileira, feita diretamente do russo pelo professor Paulo Bezerra, é um fato raro: é escrita em bom vernáculo, e a leitura flui agradavelmente, principalmente no começo, quando o autor rememora a sua infância, sobretudo a sua educação, e o ambiente que o cercava antes de se tornar famoso. Depois, quando descreve a época da dissidência e da perseguição, vê-se que o autor escolheu passar ao estilo minucioso dos autos de processos, e a leitura é menos ágil, e até difícil, pela grande quantidade de personagens, documentos anexos e adições ao texto feitas em épocas bem posteriores. Uma falha grave na produção é a ausência de um índice remissivo, levando-se em conta que é também um livro de referência.

Tudo somado, porém, trata-se de um empreendimento editorial de suma importância, de importância histórica, diria mesmo.